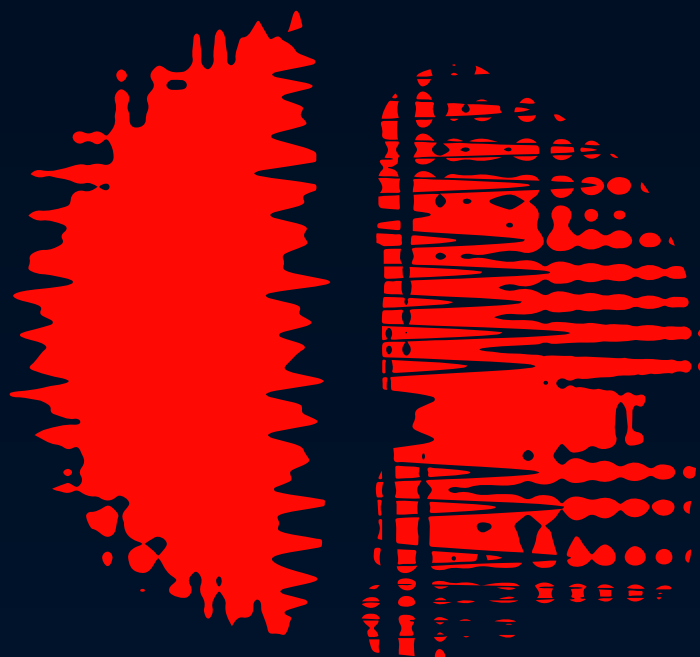


XXV ENCONTRO BRASILEIRO  
DO CAMPO FREUDIANO



OS CORPOS  
APRISIONADOS  
PELO DISCURSO  
... E SEUS RESTOS

BOLETIM

C  DA

#01

## SUMÁRIO

- 2 EDITORIAL
- 4 LANÇAMENTO DO XXV ENCONTRO BRASILEIRO DO CAMPO FREUDIANO
- 7 APRESENTAÇÃO
- 10 ARGUMENTO

## EDITORIAL

Gustavo Menezes  
Renata Martinez  
Coordenadores da Comissão de Boletim do XXV  
EBCF

Um nome marca, constitui, mas também interroga, instiga... *Coda*: assim batizamos o Boletim do XXV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano. Sonoramente, é curto, cortante. É também enigmático por não aparecer muito em nossa língua. No *Seminário, livro 19: ...ou pior*, “Coda” é como Jacques-Alain Miller intitulou sua quarta e última parte, uma escansão que nos conduz ao nome de nosso Encontro: “Os corpos aprisionados pelo discurso ...e seus restos”.

Coda, que em italiano significa “cauda”, é a seção com que se termina uma música, mas com a particularidade de o intérprete poder ou não utilizar ideias anteriormente apresentadas ao longo da composição. São saltos que se estabelece, estipulando-se

um antes e um depois com a introdução de novos elementos, variações, modulações, repetições ou mesmo de uma novidade que surpreende. Em uma partitura musical, seu símbolo é marca da diferença ao apresentar a seção final ou um certo trecho da música.

Em certo sentido, é o ritmo imposto pelo próprio Seminário 19, sobretudo nas últimas lições. É preciso retornar a pontos anteriores antes de concluir. “Comecei meio que a me reler, Deus sabe por quê...”<sup>1</sup>, disse Lacan, fazendo referência ao seu Seminário de 1956, sobre as psicoses, retomado por ele naquele momento. O leitor encontrará outras marcações.

Em conversa com Judith Miller, Diego Masson – chefe de orquestra a quem, segundo ela, seu pai se dirigia quando buscava explicações relativas à música – diz que, para Lacan, diante de uma música, seria muito mais interessante podermos gozar de algo que não se compreende e para o qual não haja nenhuma significação sentimental. Após um concerto em Aix-en-Provence, Lacan lhe teria dito: “No fim das contas, Haydn é talvez ainda mais forte que Mozart! Há em Mozart sentimentos que podemos descrever com palavras, enquanto Haydn, ele é totalmente abstrato, é como uma equação matemática, sem nenhum sentimento e, entretanto, é extremamente prazeroso e pleno de surpresas”<sup>2</sup>.



Lucio Fontana, Spatial Concept. Waiting (1963-1964).

1 LACAN, J. (1971-1972) **O Seminário, livro 19: ...ou pior**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 217.

2 MASSON, D. “Lacan, la musique”. Conversa com Judith Miller. In: **Revue La Cause freudienne**. Paris: ECF, Navarin Ed., n.79, 2011/3, p. 59.

Como um fio musical que percorre o ensino de Lacan, com seus acordes, nossa aposta é que Coda possa, não apenas marcar o ritmo de nosso trabalho, mas ressoar, tocar cada leitor com as elaborações, construções e informações produzidas por toda a comunidade envolvida nesse vasto caminho até novembro!

Neste primeiro número, vocês poderão ler o Argumento, elaborado pela comissão científica, e as apresentações que Patrícia Badari (Diretora geral da EBP e Presidente do XXV EBCF) e Niraldo de Oliveira Santos (Diretor do XXV EBCF) fizeram na ocasião do lançamento do evento, ocorrido na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, no dia 09 de março de 2024.

A obra de Lucio Fontana, a quem Lacan se refere na última lição do Seminário 19, com sua *spaccatura*, sua fenda, vem acompanhar os textos deste número. Há duas vias às quais a experiência analítica pode se filiar e nelas apostar, diante do discurso do mestre que aprisiona os corpos: a via do sujeito na sua fenda, pela interpretação simbólica, e a via do real, através do equívoco e da ressonância, do fora de sentido. Temos, portanto, um intenso programa de trabalho.

As informações sobre inscrições, local do evento, hospedagem e comissões organizadoras já estão disponíveis em nosso site. Ao final da página, encontram-se os links de acesso.

Desejamos uma boa leitura e um ótimo início de trabalho, rumo ao XXV Encontro Brasileiro!

## LANÇAMENTO DO XXV ENCONTRO BRASILEIRO DO CAMPO FREUDIANO

“Os corpos aprisionados pelo  
discurso ...e seus restos”

Patricia Badari  
Diretora Geral da EBP e  
Presidente do XXV EBCF



Lucio Fontana, Spatial Concept. Waiting. 1964.

(...) Quem não souber cantar não leia “Paisagem n. 1”. Quem não souber urrar não leia “Ode ao Burguês”. Quem não souber rezar, não leia “Religião”. Desprezar: “A Escalada”. Sofrer: “Colloque Sentimental”. Perdoar: a cantiga do berço, um dos solos de Minha Loucura, das Enfibraturas do Ipiranga. Não continuo (...).<sup>1</sup>

É Mário de Andrade nos dando a chave de leitura de seu livro de poemas “Pauliceia desvairada”.

Estamos aqui<sup>2</sup> na *Pauliceia Desvairada* para lançarmos o XXV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, da Escola Brasileira de Psicanálise.

“Uma Escola é feita para durar”, nos transmitiu Jacques-Alain Miller em 1995, em sua carta à EBP no momento de sua fundação<sup>3</sup>. A EBP fará 30 anos em 2025. Ela dura. Ela dura com o trabalho de seus membros, com o trabalho de suas instâncias, com o trabalho que lançamos hoje.

O Encontro Brasileiro é um dos momentos em que todos os membros da EBP, em que todos os colegas interessados pela psicanálise de orientação lacaniana, se põem ao trabalho em torno de um tema.

Um tema que advém dessa Escola que dura. Um tema que é fruto de um trabalho feito por todos ao longo desses quase 30 anos. Um tema que parte dos impasses, das interrogações advindas da clínica.

A psicanálise, desde Freud e com Lacan. Na EBP e com a AMP. Na EBP e no laço social, sua prática e seu ensino são indagados, reformulados e sustentados com rigor. Uma prática e um ensino que se constroem, conceito a conceito, a cada impasse, feitos de continuidades

1 ANDRADE, M. “Prefácio interessantíssimo”. In: **Pauliceia desvairada**. São Paulo: Novo Século Editora, 2017, p. 25.

2 Texto apresentado na atividade de lançamento do XXV EBCF na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, no dia 9 de março de 2024.

3 MILLER, J-A. (1995) “Carta de Jacques-Alain Miller à EBP”. In: **Anuário de membros da EBP e textos estatutários**. São Paulo: EBP, 2023, p.132.

e descontinuidades da própria práxis e desse ensino orientados para o real. Uma orientação pautada no hétéros, no furo e no corpo.

Em 2022, realizamos o XXIV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, cujo título foi “Analista: presente!”. Nessa ocasião, Christiane Alberti, presidente da Associação Mundial de Psicanálise, em seu texto de abertura nos deu uma orientação muito clara para nosso trabalho de Escola. Ela disse:

Com Lacan, trata-se de pensar as questões clínicas atuais, como o corpo, a sexuação, o imaginário [e podemos acrescentar o simbólico e o real], para a um só tempo elucidar, esclarecer os novos sintomas ou os debates da sociedade, se quisermos manter a oferta da psicanálise estando à altura da época, a oferta de uma psicanálise que não esteja com os pés acima do chão.<sup>4</sup>

Nesse mesmo Encontro de 2022, tivemos o prazer de desfrutar de uma grande conversação instigada pelas questões trazidas por Helenice de Castro e Marcus André Vieira. Essa conversação, publicada na Revista Correio n.90 sob o título “Acontecimentos políticos de corpo: o analista e a segregação”<sup>5</sup>, interrogou-nos epistêmica, clínica e politicamente e nos deixou o gosto pela conversação.

Se trago um pouco desta história da EBP e de seus Encontros, novamente, é porque a EBP dura. Porque ela é feita desses trabalhos anteriores que nos relançam à novas questões e de onde partimos para novos Encontros, para o XXV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano. Hoje, lançamos este Encontro cujo tema parte de 2022, mas que faz série, e não automaton, com os que tivemos desde 1995.

“Os corpos aprisionados pelo discurso” foi o tema proposto para este XXV Encontro, pois além de ser o título do capítulo XVI do seminário 19 “... ou pior”, porta a enunciação de Lacan. Propõe-nos o trabalho sobre o estatuto do corpo ao longo do ensino de Lacan, o falasser e sua relação com o corpo, os sujeitos que se apresentam cada vez mais perturbados pelo gozo do corpo. Propõe-nos um trabalho sobre os discursos no ensino de Lacan, sobre os sujeitos cada vez mais reativos ao inconsciente. E, sobretudo, nos interroga sobre a clínica do Um sozinho, orientação que extraímos de Jacques-Alain Miller em seus cursos e textos.

Mas, se hoje lançamos este Encontro é porque já há um trabalho imenso em andamento. A comissão científica já trabalhou muito e a consequência deste trabalho é o acréscimo preciso ao título: “Os corpos aprisionados pelo discurso ...e seus restos”.

*Não existe discurso que não seja semblante*, disse Lacan. A própria psicanálise “toma seu ponto de partida em um semblante, o objeto *a*. Como qualquer outro discurso, a psicanálise é um artifício. Ela é um certo modo de abordar lalíngua. O privilégio para a psicanálise (...) é o de ser esse viés que tem a vocação de fazer falhar os semblantes. Isso pressupõe que ela não se remeta ao seu próprio semblante, porque no final das contas, seu próprio semblante (o objeto

4 ALBERTI, C. “A psicanálise presente no mundo!” In: **Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise**. São Paulo: EBP, n. 88, outubro/novembro 2022, p. 15.

5 CASTRO, H. e VIEIRA, M. A. “Acontecimentos políticos de corpo: o analista e a segregação”. In: **Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise**. São Paulo: EBP, n. 90, abril 2023, pp.75-108.

a), para ela é abjeção”<sup>6</sup>, nos diz Miller em “Teoria de lalíngua”. Restos, dejetos, mas a “salvação é pelos dejetos”<sup>7</sup>.

Assim, hoje lançamos esse programa de investigação e trabalho da EBP. Agradeço às diretoras que comigo compõem a atual diretoria da EBP: Andréa Reis, Márcia Stival e Marilsa Basso, que desde o início de nossa gestão se dispuseram a trabalhar em cartel esse tema como orientador de um percurso. Agradeço à Helenice de Castro quem, além de ser responsável por nos instigar sobre tais questões, lá em 2022, aceitou ser Mais-um do cartel que compusemos.

Agradeço ao Conselho da EBP que desde o princípio acolheu essa proposta de trabalho para o XXV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano. Agradeço à Christiane Alberti que nos deu essa orientação muito precisa e que aceitou seguir conosco esse trabalho. Christiane Alberti é nossa convidada e estará presencialmente em São Paulo. Contaremos também com Carolina Koretzky, Analista da Escola (AE), que virá trabalhar conosco questões pertinentes ao tema a partir de seu testemunho.

Agradeço à Niraldo de Oliveira Santos (Diretor do XXV EBCF e Diretor Geral da EBP – Seção São Paulo, Seção que sedia esse trabalho). Agradeço à Alessandra Sartorello Pecego e Rômulo Ferreira da Silva, coordenadores do Encontro, e todos os coordenadores das comissões e demais colegas que já estão a trabalho.

Agradeço aos Institutos do Campo Freudiano de São Paulo pela colaboração para que este lançamento pudesse acontecer neste local especial da cidade de São Paulo.

E à Biblioteca Mário de Andrade, meu especial agradecimento. Ela nos abriu as portas deste lugar icônico que, para além de seu esplendoroso acervo, é um lugar de referência da cultura na cidade.

Este é um Encontro de Escola, uma Escola que é feita de seus membros, de suas Seções. Assim, agradeço aos diretores de todas as Seções da EBP que já estão nesse trabalho e, hoje, propiciaram a retransmissão deste lançamento em cada canto deste enorme Brasil.

Aguardemos as questões e elucidações que nossa comunidade nos trará!

Vamos lá, rumo ao XXV Encontro Brasileiro que será realizado nos dias 8, 9 e 10 de novembro deste ano, em São Paulo.

Bom trabalho a todos nós.

Obrigada.

---

6 MILLER, J.-A. “Teoria de lalíngua”. In: LACAN, J. e MILLER, J.-A. **A terceira; Teoria de lalíngua**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022, p.109.

7 MILLER, J.-A. “A salvação pelos dejetos”. In: **Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise**. São Paulo: EBP, n.67, 2010, p.26.

## APRESENTAÇÃO

### Um tema, uma Escola, um Encontro

Nivaldo de Oliveira Santos  
Membro da EBP/AMP  
Diretor do XXV EBCF

Nos dias 08, 09 e 10 de novembro deste ano, São Paulo será a capital brasileira da psicanálise de orientação lacaniana<sup>1</sup>. Nós, da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) – Seção São Paulo, como anfitriões, não conseguimos segurar nossa alegria; e nossa expectativa também.

Por isso, inicio agradecendo à Patricia Badari – Diretora da Escola Brasileira de Psicanálise e Presidente deste Encontro, e sua diretoria; e à Maria do Carmo Dias Batista, Presidente do Conselho da EBP, junto aos demais conselheiros, por terem escolhido a cidade de São Paulo para sediar o XXV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, com o tema “Os corpos aprisionados pelo discurso ...e seus restos”.

Convidamos vocês para esse evento, que será exclusivamente presencial, e que ocorrerá aqui, na cidade mais populosa de todo o hemisfério sul! São Paulo é de várias tribos, é cheia de sotaques, é polifônica. *Pan-Américas de Áfricas utópicas. Novo Quilombo de Zumbi*. É também a cidade que abriga inúmeros brasileiros e estrangeiros vindos das mais diversas partes. Acolhe a maior comunidade japonesa fora do Japão, a maior comunidade italiana fora da Itália e a maior comunidade coreana fora da Coreia. Aqui, os grafites gritam as vozes dos artistas, mas também as dos excluídos. *Amuros*, amores e muros e gozos pixados por toda parte. Ou também, como Lacan nos disse, *amuro* que aparece em signos bizarros no corpo<sup>2</sup>; corpos que são suporte dos discursos, com seus sentidos radicais<sup>3</sup>.

O lançamento desse Encontro aqui, na Biblioteca Mário de Andrade, lugar que para nós é tão emblemático, acontece no mesmo mês em que vemos três estados brasileiros, Paraná,



The Waiting. Lucio Fontana fotografado por Ugo Mulas, em 1964.

1 Texto apresentado na atividade de lançamento do XXV EBCF na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, no dia 9 de março de 2024.

2 LACAN, J. (1972-1973) **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 12.

3 LACAN, J. (1971-1972) **O Seminário, livro 19: ... ou pior**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 219.



Goiás e Mato Grosso do Sul, recolherem das escolas o livro “O avesso da pele”, de Jeferson Tenório. A Secretaria de Educação do Estado do Paraná justificou a censura alegando possuir “conteúdos impróprios”. A obra, que faz parte do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) desde 2022, foi ganhadora do principal prêmio literário brasileiro – o Jabuti – e tem como principais temas as questões identitárias, o racismo e a violência. Antes de ser ordenado o recolhimento dos exemplares, “O avesso da pele” foi alvo de críticas por uma deputada federal de oposição, que havia publicado em rede social o comentário: “O Ministério da Educação distribuiu para instituições de ensino públicas um livro que contém trechos com descrições explícitas de atos sexuais”. Após esses acontecimentos, o livro teve um aumento de vendas em mais de 1400%.

Christiane Alberti, no texto apresentado na abertura do *Fórum Zadig/Doces&Bárbaros – A liberdade de expressão e o neofascismo*<sup>4</sup>, realizado em Florianópolis em 2022, nos disse: “Em um compartilhamento dos territórios um pouco ingênuo, poder-se-ia pensar que a psicanálise só se ocupa do sofrimento privado e que esse sofrimento não deve nada às condições sociais, nem ao contexto da civilização. Não é de modo algum a concepção da orientação lacaniana! Pelo contrário, os psicanalistas sabem a que ponto as formas que os sofrimentos assumem hoje dependem dos discursos que dominam nossa civilização”. Tanto esses fatos recentes quanto as palavras de Christiane Alberti só nos mostram o quão importante é nosso tema de trabalho para esse Encontro. Como vocês logo constatarão na apresentação do argumento, episteme, clínica e política formam uma tríade fundamental em nosso programa que empreende uma aposta no discurso psicanalítico e no *falasser*.

Como o *falasser*, com seu corpo/gozo, pode entrar em cena produzindo efeitos no mundo que não sejam marcados nem pelo ideal de harmonia, nem pela iteração da pulsão de morte? Como entrar com o corpo de uma boa maneira, sem eliminar as diferenças? Éric Laurent nos apresenta o *falasser político*<sup>5</sup> como portando, em si mesmo, a capacidade de fazer frente à segregação e à biopolítica, tão marcantes em nossos tempos.

Para fazer acontecer esse Encontro, contamos com uma equipe de mais de 90 colegas entusiasmados. Como teremos um vídeo apresentando a composição das comissões, citarei os coordenadores: Alessandra Pecego e Rômulo Ferreira da Silva, na Coordenação Geral; Camila Popadiuk e Paula Legey, Comissão de Acolhimento; Cinthia Busato e Isabel Duarte, Comissão de Arte e Cultura; Gustavo Menezes e Renata Martinez, Comissão de Boletim; Luiz Fernando Carrijo da Cunha e Mirmila Musse, Comissão Científica; Cristiane Barreto e Jaqueline Coelho, Comissão de Divulgação e Mídias; Paula Carvalho e Veridiana de Barros, Comissão de Festa; Camila Colás e Daniela Affonso, Comissão de Infraestrutura; Gustavo Ramos e Jovita Lima, Comissão de Livraria; Margarida Assad e Maricia Ciscato, Comissão de Referências Bibliográficas; Élide Biasoli e Rogério Barros, Comissão de Site; Andréa Reis e Cristiana Gallo, Comissão de Tesouraria e Secretaria; e Paola Salinas e Luciana Lopes, Comissão de Tradução. A todos vocês, que aceitaram nossos convites, nosso muito obrigado, desde já!

4 ALBERTI, C. “Liberdade de expressão – a linguagem concreta do inconsciente”. In: **Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise**. São Paulo: EBP, n. 88, outubro/novembro 2022, p. 199.

5 LAURENT, É. **O avesso da biopolítica. Uma escrita para o gozo**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

Agradecemos também a Mauro de Souza, pela criação da identidade visual; a Thomaz Cunha, pela produção dos vídeos apresentados nesta atividade de abertura; a Luiz Fernando, por ter cedido a voz para a locução do poema “Inspiração”, de Mário de Andrade. A Bruno Sena, pela confecção do site e todo o material de divulgação. À Alice Evangelista, secretária da EBP.

“Coda”, tal como Jacques-Alain Miller nomeou o bloco das duas últimas lições do Seminário 19, será o nome do nosso boletim. Utilizada na música, coda (que significa “cauda”, em italiano) é a seção com que se termina uma música, onde o compositor/arranjador poderá ou não utilizar ideias musicais já apresentadas ao longo da composição, marcando um ritmo, uma escansão. Está, portanto, em total sintonia com a identidade visual do nosso Encontro, com o que dos discursos ressoam nos corpos. O primeiro número, contendo o argumento, os textos desta abertura e as informações sobre as inscrições, será lançado logo mais.

Faremos ressoar a língua portuguesa; ou seria melhor dizer o português brasileiro? Ou simplesmente o brasileiro, o brasileirês<sup>6</sup>? Pois que ressoe essa nossa “lingualeite”, significante que deliciosamente Carolina Koretzky<sup>7</sup> garimpou de Hélène Cixous.

E como falei de música, para encerrar, destaco uma passagem do livro “O mundo não é chato”, de Caetano Veloso:

Quando saímos do Brasil em 1969 rumo ao exílio em Londres, passamos antes por Portugal. Meu amigo Roberto Pinho me pediu que o acompanhasse até Sesimbra, onde ele tinha um encontro com um senhor português (que) era tido como alquimista. (...) A certa altura, Roberto pediu que eu cantasse “Tropicália” para o alquimista ouvir. (...) Ao final, este me olhou com uma expressão exultante e (...) apresentou a mais insólita interpretação de “Tropicália” de que eu já tivera notícia. Tudo na letra era tomado à letra e valorado positivamente. “Eu organizo o movimento”, por exemplo, significava que, não necessariamente eu, mas alguma força que podia dizer “eu” através de mim, organizava um importante movimento, e “inauguro o monumento no Planalto Central do país” era clara e meramente uma referência a Brasília como realização da profecia de D. Bosco. (...) Eu não era inocente do fato de que toda paródia de patriotismo é uma forma de patriotismo assim mesmo – não eu, o tropicalista, aquele que antes ama o que satiriza.<sup>8</sup>

Pois bem... advertidos disso, ou seja, “Que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve”<sup>9</sup>, contamos com todos vocês para a organização e participação neste movimento lacaniano de elaboração em torno do nosso tema.

6 GALINDO, C. **Latim em pó: um passeio pela formação do nosso português**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 206.

7 KORETZKY, C. **O despertar: dormir, sonhar, acordar talvez**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023, p. 13.

8 VELOSO, C. **O mundo não é chato**. São Paulo: Companhia das letras, 2005, p. 52-53.

9 LACAN, J. “O aturdido”. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 448.

## ARGUMENTO

### Os corpos aprisionados pelo discurso... e seus restos

#### Comissão Científica

Luiz Fernando Carrijo da Cunha (Coordenador)

Mirmila Alves Musse (Coordenadora)

Ana Tereza Groisman

Glacy Gorsky

Marcelo Veras

Leonardo Scofield

Ram Mandil

Ruskaya Rodrigues Maia



Lucio fontana, Spatial Concept, Expectations, 1959.

#### 1. Do título:

O título desse XXV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano foi extraído do último capítulo do *Seminário, livro 19*<sup>1</sup>, em que Lacan, depois de uma extensa exploração acerca do “Há um”, desenvolve de maneira bastante condensada a afecção dos corpos pelo discurso. O título do capítulo – no original francês, “*Les corps attrapés par le discours*” – já nos coloca, de saída, a questão de como entendê-lo a partir da tradução do verbo *attraper*. Segundo a observação de Marcus A. Vieira, responsável pela versão final da tradução brasileira, “*attrapés*” foi traduzido como “aprisionados”, podendo dar a ideia de que o discurso é exterior aos corpos e que seriam por ele capturados. Nosso Encontro será também uma oportunidade para precisar, a partir da experiência analítica, o que Lacan estaria indicando na relação entre os discursos e os corpos, ao convocar o verbo “*attraper*”. Em outras palavras, o que dos corpos é apanhado, pego, fisgado pelos discursos e o que aí se apresenta como fora de alcance? Contudo, deixemos claro: para a psicanálise, não se trata de uma liberação dos corpos, mas de demonstrar, no caso a caso, o que nos corpos não é tomado pelo discurso, pois é a partir daí que o discurso da psicanálise pode operar.

Lacan retoma o tema da sobredeterminação, em Freud, dizendo textualmente que: “(...) em suma, o que ele [Freud] trouxe de essencial? Trouxe a dimensão da sobredeterminação. É disso que dou a imagem, com meu modo de formalizar da maneira mais radical a essência do discurso, na medida em que ele ocupa uma posição giratória em relação ao que acabo de chamar de suporte”<sup>2</sup>. Por isso, como consequência lógica, acrescentamos ao título desse capítulo “...e seus restos”, justamente para colocar em questão essa operação de separação efetuada entre os corpos e os discursos. Essa operação produz um resto inassimilável, tornando-se, ele mesmo, a visada final de uma análise. Esse acréscimo vem responder à dimensão clínica que implica a parceria analítica.

Na “Alocução sobre as psicoses da criança”, Lacan lançou um desafio aos psicanalistas: “como responderemos, nós, os psicanalistas: a segregação trazida à ordem do dia por uma subversão

1 LACAN, J. (1971-1972) “Os corpos aprisionados pelo discurso”. In: **O Seminário, livro 19: ...ou pior**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, cap. XVI, p.213 e seguintes.

2 Idem, pp. 216-217.

sem precedentes?”<sup>3</sup> Por isso, sem cair em uma redução sociológica, a tônica de nosso Encontro será apostar na singularidade da clínica psicanalítica para a interpretação dos sintomas contemporâneos. À medida que o tempo dos mercados comuns não cessa de oferecer semblantes “prêt à porter”, gerando novos processos de segregação, a psicanálise pode dar lugar à invenção de modos singulares para lidar com os encontros com o real produzidos pela civilização.

## 2. O discurso:

Mas, qual discurso alcança os corpos hoje? Sobretudo o Discurso do Mestre (DM). Citamos Lacan: “Mas persiste o fato de que, no nível em que funciona o discurso que não é o discurso analítico, coloca-se a questão de como esse discurso conseguiu aprisionar corpos. No nível do discurso do mestre, isso fica evidente. No discurso do mestre, vocês, como corpos, estão petrificados”<sup>4</sup>.

A incidência do DM na civilização não é disjunta da sobredeterminação subjetiva, tampouco do gozo que afeta os corpos, na medida em que o dizer equivale ao discurso, para além dos ditos.

Cabe a nós, portanto, delinear a estrutura do discurso do mestre contemporâneo e, a partir desse ponto, investigar de que modo tais corpos são aprisionados, ou seja, como eles são constituídos e responsivos aos significantes mestres da época. Com isso, entramos no campo do sintoma.

Seguindo, agora, pela referência de Jacques-Alain Miller<sup>5</sup>, no caminho de elaborar a estrutura do discurso de dominação contemporâneo, percebemos que os efeitos conjugados das luzes e do capitalismo avançam silenciosamente “nas profundezas do gosto”<sup>6</sup>, contribuindo para evaporar o pai. Das técnicas fertilizadoras que reduzem o pai ao espermatozoide às guerras e catástrofes climáticas, tudo nos leva à desvalorização do patriarcado ou, como afirma Miller, ao “rebaixamento à biologia da função paterna”<sup>7</sup>.

Assim, podemos interpretar o mal-estar contemporâneo a partir da aliança entre o discurso capitalista e o discurso da ciência, ambos ocupando o vazio deixado pela vacância do pai.

## 3. Os corpos:

A pluralidade dos corpos à qual Lacan se refere não nos é indiferente, pois, no que diz respeito ao gozo (só o corpo vivo goza), é o corpo a corpo que está em jogo. Citamos Lacan: “Não é por isso que o gozo é sexual, pois acabo de lhes explicar, este ano, que o mínimo que se pode dizer é que ele não é indireto, esse gozo. É o gozo corpo a corpo. (...) É isso que faz com que possa haver nessa história vários corpos aprisionados, e até série de corpos”<sup>8</sup>.

A pluralidade dos corpos, que implica essencialmente o gozo, seria a tradução da incidência do DM sobre tais corpos, afinados com seu imperativo categórico, advindo das mutações dis-

3 LACAN, J. “Alocução sobre as psicoses da criança”. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p.361.

4 LACAN, J. (1971-1972) *Op. cit.*, p. 220.

5 MILLER, J-A. “Le père devenu vapeur”. In: **Mental: Revue Internationale de psychanalyse**. Paris: EFP, nº 48, novembro 2023, pp.13-16.

6 Idem, p. 14. No original: “*dans les profondeurs du goût*”. Tradução livre para uso exclusivo neste argumento.

7 Idem, *Ibidem*. Tradução livre para uso exclusivo neste argumento.

8 LACAN, J. (1971-1972) *Op. cit.*, p. 217.

cursivas da cultura, e que promove o que Lacan chamou de “subida ao zênite do objeto  $a$ ”. Ora, se um sujeito fala com seu corpo, como suporte e instrumento da fala, como nos lembra Miller<sup>9</sup>, isso implica o *fallasser* que se constitui como um outro nome do inconsciente, que inclui o corpo e o real do gozo, indo além do sujeito do inconsciente, como sujeito de pura lógica. Segundo Miller, “a fala passa pelo corpo e, em retorno, afeta o corpo que é seu emissor”<sup>10</sup>, fazendo, assim, ecoar a pergunta do *Seminário, livro 19*, sobre esses corpos que são aprisionados pelo discurso. E de que modo esse corpo emissor é afetado? Para além dos significados que aprisionam, trata-se de buscar o afeto no que ressoa e ecoa no corpo. “A ressonância, o eco da fala no corpo são o real, a um só tempo, do que Freud chamou de Inconsciente e pulsão. Nesse sentido, o inconsciente e o corpo falante são um único e mesmo real”<sup>11</sup>, afirma Miller.

Constatamos, aqui, a estrutura do discurso esclarecida por Lacan com seus quatro polos e o movimento giratório em que se passa de um discurso ao outro. Polos que Lacan localiza enquanto semblante, gozo, mais-de gozar e verdade.

Assim, o novo mal-estar da civilização passa pelo “individualismo crescente que autoriza o sujeito a reivindicar como um direito, um direito do homem, o de gozar à sua maneira”<sup>12</sup>.

O desafio da análise na atualidade reside, justamente, em dirigir o tratamento, no sentido de possibilitar que o *fallasser* passe a acreditar no seu inconsciente e, assim, localizar os significantes que o habitam e o aprisionam, como também o constituem.

#### 4. O discurso analítico:

Antes de nos perguntarmos sobre o que se passa na análise, faz-se necessário aprofundar na estrutura do discurso analítico. Por ser o avesso do DM, ele põe em evidência o que o DM escamoteia: o hiato que existe entre os discursos e os corpos. Como aponta Lacan nesse último capítulo do *Seminário, livro 19*, em relação ao DM, é fácil saber o que está *entre* e o que são os afetos, a saber, os bons sentimentos. Eles preenchem esse hiato. O discurso analítico não só acentua esse hiato, como também o faz aparecer sob a modalidade do impossível. Nesse sentido, o que vai ocupar o lugar do semblante será o objeto; entretanto, esvaziado de qualquer significação.

No discurso analítico, o corpo como semblante ocupa o lugar de agente, descolando-o dos significantes mestres e conectando-o à verdade do gozo que o constitui como sujeito dividido. Nessa torção, os significantes mestres se deslocam do lugar de agentes do discurso para o lugar de produções discursivas agenciadas pelo que escapa da linguagem. O analista é aquele que suporta aparecer em seu destino de objeto  $a$ , que, ao mesmo tempo, é dejetado do Outro e causa de desejo.

#### 5. A análise:

O que nasce de uma análise nasce no nível do sujeito (...) analisante, por meio (...) da merda que o objeto  $a$  lhe propõe na figura de seu analista. É com isso que

9 MILLER, J-A. “Hábeas Corpus”. In: Site do Congresso da AMP 2018. Disponível em: <https://congressoamp2018.com/pt-pt/textos/habeas-corpus/>

10 Idem.

11 Idem.

12 MILLER, J-A. (2000-2001) *El lugar y el lazo*. Buenos Aires: Paidós, 2013, p. 82. Tradução livre.

deve nascer essa coisa fendida (...). Nosso irmão transfigurado, é isso que nasce da conjuração analítica, e é isso que nos liga àquele que chamamos, impropriamente, de nosso paciente.<sup>13</sup>

O objeto *a* é o que a análise conjura, destacado em meio aos ditos, atordoando o caminho e fazendo o sujeito tropeçar. Nesse sentido, a psicanálise dá um lugar a uma fala inédita.

O analista também é filho do discurso, o que os torna todos irmãos. Há, entretanto, um certo engajamento no dizer que os trouxe até aqui. A interpretação que surge na análise abre a via para que esse engajamento possa surgir na fala analisante.

Para além da interpretação, o analista joga com o ato analítico, produzindo a abertura ao inédito. Uma investigação aberta já há alguns anos no Campo Freudiano nos auxilia a estar à altura da análise do *falasser* e dos sintomas que o afetam. Ao interrogar sobre o que é analisar o *falasser*, Miller afirma que "(...) é jogar uma partida entre delírio, debilidade e tapeação. É dirigir um delírio de maneira que esse delírio ceda à tapeação do real"<sup>14</sup>.

Para além do enquadre imaginário e simbólico que determina a escolha por um analista, é o real que se infiltra nesse enquadre e que servirá como motor da análise. A interpretação, o corte e o ato são instrumentos à disposição da análise que ligam o sujeito ao sem sentido do Outro barrado. Isso nos ajuda a responder à pergunta sobre o que "fisga" o sujeito em análise, mas tal pergunta produz um giro e se dirige aos analistas: "O que nos liga àquele que embarca conosco"<sup>15</sup> na experiência de uma análise? Essa pergunta coloca no horizonte a psicanálise em intensão e o passe como testemunho dessa subversão na relação com o saber e o gozo.

Aquilo que o discurso do mestre se propõe a "petrificar", segundo a expressão de Lacan, à torção que esse discurso pode sofrer no giro ao discurso analítico, um sujeito poderá verificar o que lhe resta de gozo e estabelecer uma nova relação com a linguagem.

## **Eixos de trabalho**

A comissão científica propõe quatro eixos em torno dos quais podem ser estabelecidas as escolhas de cada um para produzir seus trabalhos para as jornadas clínicas. Pretendemos, com isso, trazer à luz, através de casos apresentados, o "divino detalhe" desde o qual a psicanálise sustenta sua existência. Cada analista se defronta com o real de sua clínica e nos interessa recolher desses impasses algo de transmissível a respeito do ato analítico.

### **Eixo 1: Capturas imaginárias e o real do corpo**

### **Eixo 2: Incidências do discurso da Ciência sobre os corpos**

### **Eixo 3: O real da sexuação e o dizer da análise**

### **Eixo 4: O corpo "fora do discurso"**

13 LACAN, J. (1971-1972) *Op. cit.*, p. 227.

14 MILLER, J-A. (2014) "O inconsciente e o corpo falante". Disponível em: <https://www.wapol.org/pt/articulos/Template.asp?intTipoPagina=4&intPublicacion=13&intEdicion=9&intIdiomaPublicacion=9&intArticulo=2742&intIdiomaArticulo=9>

15 LACAN, J. (1971-1972) *Op. cit.*, p. 226.

BOLETIM

# CODA

**DIRETORIA DO ENCONTRO:**

PATRICIA BADARI (*PRESIDENTE*) | NIRALDO DE OLIVEIRA SANTOS (*DIRETOR*)  
ALESSANDRA PECEGO E RÔMULO FERREIRA DA SILVA (*COORDENADORES GERAIS*)

**COMISSÃO DO BOLETIM:**

**COORD:** GUSTAVO MENEZES (SP) E RENATA GOMES MARTINEZ (RJ) |  
ADRIANA RODRIGUES (SUL)  
CLEYTON ANDRADE (NE)  
DANIELA NUNES ARAÚJO (BA)  
FABRÍCIO DONIZETTI (SP)  
OLÍVIA VIANA (MG)  
THEREZA DE FELICE (RJ)

DESIGNER: BRUNO SENNA